

Número 3 - Año 2 (Enero 2012 - marzo 2012)

Facultad de Ciencias de la Información

Universidad Complutense de Madrid

Artículo bajo la licencia *Creative Commons*

Sob a televisão

Autor: Pedro Henrique Baptista Reis

Universidad / Institución / Centro: Faculdade dos Meios de Comunicação Social

Cargo: Mestre

Páginas: 21-26

Descriptor: televisión

País: Brasil

Ciudad: Porto Alegre

Contacto: oxyghene@gmail.com

Resumo: este ensaio preconiza aproximar as visões sobre televisão de Dominique Wolton e Pierre Bourdieu através de uma análise comparativa das obras *Internet, e Depois?*, de D. Wolton, e *Sobre a Televisão*, de P. Bourdieu, calcada nos conceitos de espetacularização e espetáculo de Guy Debord.

Palavras-chave: D. Wolton, P. Bourdieu, G. Debord, televisão, espectador, espetáculo.

Abstract: this essay has as its mains objective to construct a bridge between the theories of Dominique Wolton and Pierre Bourdieu about television through an comparative analysis of the works *Internet, e Depois?*, by Wolton, and *Sobre a Televisão*, by Bourdieu. This analysis will be guided by the precepts established by Guy Debord in his 1968 book, *Sociedade do Espetáculo*.

Keywords: D. Wolton, P. Bourdieu, G. Debord, television, spectator, spectacle.

Pedro Henrique Baptista Reis
Sob a televisão

Introdução

Pensar a televisão é de certa forma pensar a sociedade e as relações sociais entre indivíduos. Para tal fim, proponho analisar o pensamento de Dominique Wolton e de Pierre Bourdieu a cerca da televisão nas obras *Internet, e Depois?* e *Sobre a televisão*, construindo, talvez, uma ponte entre esses dois pensadores que possa complementar suas visões e, dessa forma, melhor compreender a televisão e seu papel formador e de influência dentro da sociedade.

Para Wolton a televisão serve “para unir indivíduos e públicos que de um outro ponto de vista tudo separa e lhes oferecer a possibilidade de participar de uma atividade coletiva” (WOLTON, Dominique. *Internet, e Depois?*, Porto Alegre, Sulina. 2001, p.70). Já para Bourdieu “a televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão.*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997, p.23). Os autores, claro, evidenciam nas discrepâncias de seus pensamentos a mesma lógica: a televisão é fato importante para a constituição das sociedades modernas, seja por sua influência e persuasão, seja por seu papel agregador. Por qualquer viés, a televisão jamais deixa de ser um espetáculo, “(...) não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, p.14). É essa mediação que aqui se tentará fazer que seja a relação entre Wolton e Bourdieu.

Debord dizia,

“A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderna revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo modo de ser concreto é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo se representa diante do mun-

do e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas reúne como separado.” (DEBORD, Guy., 1997, p.23)

Tal conceituação de espetáculo acaba por colocar-se como uma ponte bem definida entre os pensamentos de Wolton e Bourdieu. Wolton vê a televisão como forma agregadora, como vínculo social. Enquanto Bourdieu vê um “princípio de seleção” (BOURDIEU, Pierre. 1997, p.25) sempre em busca do espetacular, dramatizando a vida real em espetáculo de importância exagerada. Debord deixa claro que o espetáculo é a reconstrução religiosa, sem dúvida, que agrega os indivíduos separados por diversos fatores sociais e culturais, porém agrega-os de forma a recriar a realidade numa espécie de show de fantasia.

Assim, calcarei as teorias de Wolton e Bourdieu a fim de aproximá-los naquilo que seus pensamentos parecerem diferir, calcando-me nos conceitos de espetáculo e espetacular de Guy Debord.

Wolton, indivíduo versus mídia. Bourdieu, influência esmagadora

A fim de constituir essa relação entre as duas visões sobre a televisão faremos um trajeto livre pelos pensamentos de Wolton e Bourdieu, relacionando seus pensamentos.

Wolton vê a força da televisão em sua “utilização banal mas distanciada, que constitui o reconhecimento de seu papel em decodificar o mundo” (WOLTON. 2001,p. 62). A televisão exerce sim, para este autor, uma força sobre a sociedade. É um conjunto de imagens, porém, como bem aponta, não há imagem sem imaginário. A força da televisão está, então, para Wolton, no próprio espectador, e não nas mensagens ou manipulações

Pedro Henrique Baptista Reis
Sob a televisão

que venham a ser veiculadas. “É o conjunto de nossas lembranças, valores, idéias que nos permite manter uma certa distância interpretativa em relação à mensagem e assim sermos livres” (WOLTON. 2001, p. 43), ou seja, a televisão, e aqui se faz o grifo em relação à televisão aberta, generalista, é marco da democracia. “Assistir não significa forçosamente aderir ao que se vê” (WOLTON. 2001, p. 62), apesar da aparência dessa verdade e das múltiplas idéias que reforçam essa visão. Sobre as mídias de massa, a real questão está na oferta e não na demanda, os espectadores não têm poder direto para modificar as programações, por isso são os produtores que reforçam esse paradoxo.

Bourdieu também percebe, de certo modo, este problema em relação à construção da oferta televisiva.

“(…) o acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições de comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação de tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita.” (BOURDIEU. 1997, p. 19)

Entretanto, seu pensamento recai sobre uma manipulação ativa, ou seja, de que essas restrições de tempo, forma, assunto tem um objetivo pernicioso, uma “violência simbólica”. Essa violência teria como característica fundamental a passividade de quem a sofre, ou seja, ela teria uma “cumplicidade tácita” por parte do espectador. Ao noticiar eventos e acontecimentos de interesse comum – Bourdieu traz o conceito de “fatos-ônibus” – a televisão estaria deixando de veicular questões realmente importantes, fazendo de certa forma uma censura. Noticia-se variedades com a finalidade de atrair o público para estes “fatos-ônibus”, distancian-do-os de coisas muito mais perniciosas: “(…) Se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas (...) são de fato muito importantes na medida que ocultam coisas preciosas” (BOURDIEU. 1997, p. 23). Essa lógica de “violência

simbólica” frente ao espectador isolado concretiza-se, em parte, no pensamento de Debord:

“O emprego generalizado de aparelhos receptores da mensagem espetacular faz com que esse isolamento seja povoado pelas imagens dominantes, imagens que adquirem sua plena força por causa desse isolamento”. (DEBORD. 1997, p. 114)

Wolton caminha para outro lado. Escapa ao entendimento desse processo como hegemônico – e mesmo dessa lógica de isolamento. Sua visão preza por uma televisão generalista amplamente democrática que não permite que as liberdades individuais sejam excluídas ou diminuídas:

“O paradoxo é que se critica as mídias de massa há um meio século em nome da liberdade individual, (...) por difundirem a mesma mensagem a todos, a constituição de um fator de padronização, de racionalização e de controle das liberdades individuais. Ao contrário, se tem uma idéia nítida que não somente as mídias de massa não causam danos às liberdades individuais, mas principalmente que elas tentaram transcrever este ideal de liberdade individual em um contexto de democracia de massa, quer dizer, em um contexto da maioria”. (WOLTON. 2001, p. 111)

A banalização seria então a condição para que a televisão funcione como meio agregador da sociedade. A ligação da democracia não está, em Wolton, com o acesso direto, mas sim com intermediários de qualidade. Ou seja, a televisão serve a democracia contanto que selecione seus produtos de maneira a realizar essa finalidade. Em Bourdieu, há um “princípio de seleção” típico da televisão que preza pela espetacularização, pelo sensacional. Seleciona-se o que é “extraordinário”, opta-se pela dramatização, e pelo simples fato dessa seleção a televisão deixa seu formato de instrumento de registro do mundo para se tornar formadora, criadora de realidades. “A televisão se torna árbitro de acesso à existência social e política” (BOUR-

Pedro Henrique Baptista Reis
Sob a televisão

DIEU. 1997, p. 29). Entretanto, Wolton vê que essa seleção do banal tem como função o exato oposto: “papel de abertura ao mundo, tanto para a experiência pessoal quanto para o acesso à história” (WOLTON. 2001, p. 63). A televisão precisa dessa banalidade a fim de eficientemente afundar-se na cultura contemporânea e abrir-se para o mundo, para temas curiosos. Ou seja, a fim de melhor ser o que efetivamente é: uma mídia de massa. Fica claro que Bourdieu preconiza um levante da sociedade para uma melhor televisão, já Wolton contraria o que chama de “discurso dominante atual” e caracteriza essa emancipação primeiro na oferta.

“O verdadeiro desafio da televisão, meio de massa por excelência, permanece sendo o grande público” (WOLTON. 2001, p. 76). O público não é passivo. Ele é crítico e inteligente, porém ele depende inteiramente da oferta dos programas. O que se coloca como impasse entre os pensamentos desses dois teóricos: o desafio da televisão continua sendo seus espectadores, em Wolton, mas para Bourdieu há uma “mentalidade-índice-de-audiência”, ou seja, prioriza-se o sucesso comercial. Esse sucesso comercial apenas reflete bem sucedidas estratégias de venda e espetacularização de produtos-ideia. Debord coloca-se aqui - “O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’” (DEBORD. 1997, p.16) – percebendo que o mundo como mercadoria se concretiza na lógica espetacular. Essa “mentalidade-índice-de-audiência” reflete-se na homogeneização das programações em todos os países – pode-se tomar como exemplo os jornais da noite brasileiros de todas as emissoras, que terminam no exato momento em que o concorrente entrará no ar trazendo exatamente as mesmas notícias com as mesmas imagens e não estranhamente a mesma ênfase. “As escolhas que se produzem na televisão são de alguma maneira escolhas sem sujeito” (BOURDIEU. 1997, p. 34), seriam feitas em função do próprio espetáculo. Editores decidem as matérias – seus conteúdos, imagens, tempo no ar – de forma a competir com os outros editores de outras redes ao invés de produzirem suas escolhas de

matérias em função do público.

Wolton vê essa homogeneização com outros olhos. A lógica da audiência funciona dentro da lógica da inteligência do espectador. “A qualidade do público corresponde à dos programas, como consequência à qualidade dos profissionais” (WOLTON. 2001, p. 77), ou seja, os altíssimos índices de audiência de certos programas refletem exatamente o interesse da população nesse tipo de programação. A fim de se ter uma televisão melhor, Wolton preconiza que se deve ter profissionais mais bem qualificados e mobilizados em prol de uma televisão mais identitária, que reflita a identidade nacional.

“É na capacidade de inscrever a produção audiovisual do país em sua história, suas tradições, sua cultura e suas inovações que se perpetua a característica da televisão que é de ser simultaneamente uma abertura para o mundo e um meio de reafirmar uma identidade cultural em um mundo sem fronteiras”. (WOLTON. 2001, p. 77)

Ou seja, a “mentalidade-índice-de-audiência” refletiria, para Wolton, a inteligência e interesse do grande público. “Os programas de baixa qualidade dizem menos sobre o público do que sobre a representação que lhes é feita por aqueles que os produzem e os difundem” (WOLTON. 2001, p. 71). Bourdieu critica amplamente a produção televisiva. Essa “mentalidade-índice-de-audiência” é, para ele, oriunda das redações e das salas de produção de emissoras ao redor do globo, entretanto, para ele isso reflete um fechamento mental, uma invisível censura, um isolamento. Porém, como cita o próprio Bourdieu, há televisão tem freios.

“Nos anos 60, (...) certo número de ‘sociólogos’ precipitou-se em dizer que a televisão enquanto ‘meio de comunicação de massa’, ia ‘massificar’” (BOURDIEU. 1997, p. 51). Ignorou-se, como ele aponta, a questão das resistências – esses freios. Porém ele aponta essas resistências como fator menor – diferente de Wolton, que percebe exatamente aí a força do indi-

Pedro Henrique Baptista Reis
Sob a televisão

vídeo: “O controle das imagens não assegura o controle das mentes” (WOLTON. 2001, p. 72) – colocando mais peso sobre as transformações que o próprio meio trouxe para seus produtores. A questão fundamental aqui, porém, é que os autores se aproximam no entendimento da inserção social do meio televisivo de forma não necessariamente homogeneizante.

“O fenômeno mais importante, e que era bastante difícil de prever, é a extensão extraordinária da influência da televisão sobre o conjunto das atividades de produção cultural, ao incluídas as atividades de produção científica ou artística”. (BOURDIEU. 1997, p. 51)

Wolton vê essa inserção da televisão caracterizando seus aspectos agregadores e democráticos, diferentemente de Bourdieu que vê nisso essencialmente o conceito de espetáculo de Debord, amplamente contrário a visão de Wolton.

“Não é a televisão que cria a solidão, o êxodo rural, multiplica favelas intermináveis, destrói os vínculos locais e desmembra a família. Ela, ao contrário, amortizou os efeitos negativos dessas profundas mutações, oferecendo um novo vínculo social em uma sociedade individualista de massa. Ela é a única atividade que faz uma ligação igualitária entre os ricos e os pobres, os jovens e os mais velhos, os moradores rurais e os urbanos, os cultivados e os nem tanto”. (WOLTON. 2001, p. 72)

Conclusão

“A pessoa constrói-se na e pela comunicação. (...) isto é, todas as potencialidades humanas: a imaginação, os sentidos, o afeto, e não apenas a razão, participam dessa construção” (MAFFESOLI, Michel. No Fundo das Aparências. Petrópolis, RJ. Vozes, 1996. p.310). A televisão é parte integrante da vida de praticamente todos os seres humanos na época contemporânea. Por essa se articulam todos os mundos e todas as

lutas sociais, das disputas eleitorais na França, até a busca por direitos dos homossexuais nos Estados Unidos. Ela está sobre e sob todos os eventos culturais. Esse ensaio teve como objetivo aproximar P. Bourdieu e D. Wolton – dois grandes e reconhecidos teóricos sociais, para não dizer da própria comunicação – e suas visões para melhor entender a televisão.

Para Wolton, a televisão é agregadora. Ela é o “estar-junto” maffesoliano, é agregadora, é, para se dizer de maneira simples, o assunto no intervalo do escritório, no almoço das enfermeiras, das crianças no recreio, dos torcedores de futebol. Ela veicula mensagens e imagens, informações e desinformações, mas é, sobretudo, um “formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos”. A televisão transcendeu a tecnologia que a transmite ou que há faz possível.

Sendo, em Wolton, o principal instrumento de informação que grande parte da população, ela tem suas funções: informar, distrair, educar. “E se a televisão permanece um espetáculo, - e é por essa razão que ela agrada – nada impede que o espetáculo seja de qualidade” (WOLTON. 2001, p. 76), ou seja, sua teoria revolve ao redor desse conceito de espetáculo útil, de que a televisão serve aos princípios básicos da democracia, e nesse andar ele propõe várias soluções para a televisão moderna. Entre elas, talvez esta seja a que mais se distancia de como Bourdieu vê a televisão:

“Quanto mais os produtos são internacionais, mais é preciso preservar as identidades culturais. É reforçando estas identidades que se evita uma padronização internacional da comunicação, que somente poderá suscitar por reação revoltas e conflitos”. (WOLTON. 2001, p. 124).

Para Bourdieu isso já aconteceu. Enquanto Wolton vê o poder da banalização para a entrada da televisão na cultura contemporânea, Bourdieu vê essa banalização em sua idéia de “seleção”. Como essa idéia de “seleção” preconiza uma escolha de conteúdos sem o sujeito espectador, mas em função das outras emissões

ras/jornais/etc. isso gerou uma homogeneização dos meios de comunicação de massa. Para ele o que aconteceria em Wolton já aconteceu.

Entretanto, para ambos, e acredito aqui estar a ponte entre essas noções sobre a televisão, há um sistema muito forte de influência desse meio de massa sobre as decisões, construções e objetivos sociais e culturais. Para Bourdieu “aquilo que os americanos chamam de agenda (...) (é) cada vez mais definido pela televisão” (BOURDIEU. 1997, p. 71), e para Wolton “as mídias de massa (a televisão), no que diz respeito a esta questão essencial do estar junto de uma coletividade, (...) estão muito mais adiantadas” (WOLTON. 2001, p. 70). A televisão articula os indivíduos e limita estruturalmente tudo que se produz social e culturalmente.

“Penso que atualmente todos os campos de produção cultural estão sujeitos às limitações estruturais do campo jornalístico, e não deste ou daquele jornalista, deste ou daquele diretor de emissora, eles próprios vencidos pelas forças do campo.”. (BOURDIEU. 1997, p. 80)

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Ed., 1997.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, RJ. Contraponto, 1997.

MAFFESOLI, Michel. No Fundo das Aparências. Petrópolis, RJ. Vozes, 1996.

WOLTON, Dominique. Internet, e Depois?. Porto Alegre, RS. Sulina, 2001.